TRADUÇÃO

Sobre os diferentes métodos de traduzir[*]

Friedrich E. D. Schleiermacher
Tradução de Celso Braida[**]

O fato, que um discurso em uma língua seja traduzido em uma outra, apresenta-se a nós sob as mais variadas formas por toda a parte. Por um lado, desse modo podem entrar em contato homens geograficamente muito afastados, e podem ser transpostas em uma língua obras de uma outra extinta já há muitos séculos; por outro, não precisamos sair do domínio de uma língua para encontrar o mesmo fenômeno. Pois, não apenas os dialetos dos diferentes ramos de um povo e os diferentes desenvolvimentos de uma mesma língua ou dialeto, em diferentes séculos, são já em um sentido estrito diferentes linguagens, e que não raro necessitam de uma completa interpretação entre si; mesmo contemporâneos não separados pelo dialeto, mas de diferentes classes sociais, que estejam pouco unidos pelas relações, distanciam-se em sua formação, seguidamente apenas podem compreenderem-se por uma semelhante mediação. Sim, não somos nós freqüentemente obrigados a previamente

[*] O texto *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, redigido no período em que Schleiermacher lecionava em Berlim, foi originalmente escrito como base para uma conferência proferida em 24 de junho de 1813, na Academia Real de Ciências. A presente tradução baseia-se na publicação inclusa na *Friedrich Schleiermacher's sämmtliche Werke*, Dritte Abteilung: Zur Philosophie, Zweiter Bd., Berlin, Reimer, 1838, S. 207-245.

[**] Professor do Departamento de Filosofia da UFSC. *E-mail*: braida@cfh.ufsc.br.
Tradução recebida em 30.09.2007, aprovada em 20.11.2007.

traduzir a fala de um outro que é de nossa mesma classe, mas de sensibilidade e ânimo diferentes? A saber, quando nós sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido inteiramente diferente ou, ao menos, um conteúdo aqui mais forte, ali mais fraco, que na dele e que, se quiséssemos expressar do nosso jeito o mesmo que ele disse, nos serviríamos de palavras e locuções completamente diferentes. Na medida em que determinamos mais precisamente este sentimento, trazendo-o ao pensamento, parece que traduzimos. As nossas próprias palavras, às vezes, temos que traduzir após algum tempo, se quisermos assimilá-las apropriadamente outra vez. E esta prática não é usada apenas para transplantar em solo estrangeiro o que uma língua produziu no domínio da ciência e das artes discursivas, e assim aumentando o círculo de atuação destes produtos do espírito, mas também esta prática é usada no comércio entre diferentes povos e nas relações diplomáticas de governos independentes entre si, quando estes apenas podem falar com o outro em sua própria língua, se eles, sem servirem-se de um língua morta, querem manter-se rigorosamente em uma igualdade.

Todavia, naturalmente, não queremos incluir nessa nossa consideração tudo o que há nesse vasto domínio. Aquela necessidade de traduzir também no interior da própria língua e dialeto, mais ou menos uma exigência momentânea da mente, está também em seu efeito limitada ao instante, para exigir uma outra orientação que aquela do sentimento; e se houvesse a necessidade de dar regras para isso, elas poderiam ser apenas aquelas que mantêm o homem em uma disposição moral pura para os sentidos permanecerem abertos também para o que se é menos afim. Deixemos isto de lado e fiquemos a partir daqui com a tradução de uma língua estranha para a nossa. Também aqui nós chegamos a dois domínios: com certeza não inteiramente determinados, como é raro acontecer, mas apenas com limites imprecisos, porém, com claridade suficiente se enxergam os pontos extremos. O intérprete efetivamente exerce o seu ofício no domínio da vida comercial, o tradutor genuíno preferencialmente no domínio da ciência e da arte. Se esta definição das palavras parecer arbitrária, uma vez que

habitualmente se entende por interpretação mais a oral e por tradução a escrita, que ela seja aceita pela comodidade para os presentes propósitos e mais ainda porque as duas determinações não estão assim tão distantes. A escrita é própria dos domínios da arte e da ciência, através da qual suas obras tornam-se duradouras; e a interpretação de boca à boca das produções científicas ou artísticas seria tão inútil quanto parece ser impossível. Para o comércio, ao contrário, a escrita é apenas um meio mecânico; as transações orais são aqui o primário, e toda interpretação escrita propriamente apenas pode ser vista como registro de uma oral.

Em espírito e natureza, estão muito próximos desses domínios outros dois, os quais, pela grande variedade de objetos a eles pertencentes, já configuram uma transposição, um para o domínio da arte e o outro para o da ciência. Pois, cada transação que acontece pela interpretação é, por um lado, um fato cujo desenrolar-se apreende-se em duas línguas. Mas, mesmo a tradução de escritos puramente narrativos ou descritivos, que apenas traduz o desenrolar-se de um fato para uma outra língua, pode ainda conter em si muito da atividade do intérprete. Quanto menos o autor se sobressai no escrito original, quanto mais ele coloque-se apenas como órgão receptor do objeto e siga a ordem do tempo e do espaço, tanto mais a transposição se aproximará da mera interpretação. O tradutor de artigos jornalísticos e descrições de viagem comuns, assim, está muito próximo do intérprete, e pode tornar-se risível se o seu trabalho tenha maiores pretensões e que ele deseje ser visto como artista. Ao contrário, quanto mais haja prevalecido na exposição o modo de ver e combinar próprio do autor, quanto mais ele siga uma ordem livremente escolhida ou determinada pela impressão, tanto mais opera já o seu trabalho no domínio superior da arte, e também o tradutor deve então aplicar outras forças e habilidades para realizar o seu trabalho e estar familiarizado com seu escritor e sua língua num sentido diverso daquele do intérprete. Por outro lado, em regra, toda negociação em que se interpreta é a estipulação de um caso particular conforme relações jurídicas determinadas; a tradução é feita apenas para os participantes, os quais conhecem bem estas

relações, e cuja expressão das mesmas está determinada em ambas as línguas, ou por leis, ou pelo uso e esclarecimentos recíprocos. Porém, é diferente com negociações em que, embora muitas vezes sejam semelhantes a estas na forma, novas relações jurídicas são determinadas. Quanto menos estas possam ser, por sua vez, consideradas como particulares de um universal suficientemente conhecido, tanto mais conhecimento científico e circunspeção requer a sua redação, e tanto mais necessita o tradutor para o seu trabalho de conhecimento científico do assunto e da língua. Desse modo, por esta dupla escala eleva-se o tradutor cada vez mais sobre o intérprete, até o seu domínio mais próprio, a saber, o das produções da arte e da ciência, nos quais, por um lado, a capacidade combinatória livre própria do autor e, por outro, o espírito da língua com o seu sistema de intuições e matizações das disposições mentais, são tudo; o objeto não domina de modo algum, mas é dominado pelo pensamento e pela mente, mais ainda, com freqüência apenas surge pelo discurso e apenas existe com ele.

Em que, porém, funda-se esta importante diferença, que se percebe já no interior das fronteiras, e que se mostra claramente nos pontos mais afastados? Na vida comercial trata-se na maior parte de objetos visíveis ou, ao menos, que são bem determinados; todas as negociações têm um certo caráter aritmético ou geométrico, por toda parte número e medida podem ajudar; e mesmo naqueles conceitos que, segundo os antigos, admitem o mais e o menos e são designados por meio de uma hierarquia de palavras, que na vida ordinária diminuem e crescem em conteúdo indeterminado, assumem por meio de lei e costume um uso fixo para cada palavra. Assim, se o falante não dissimula indeterminações ocultas com a intenção de enganar, ou erra por inadvertência, torna-se compreensível para todos que sejam versados no assunto e na língua, e apenas ocorrem diferenças insignificantes no uso da língua. Mesmo assim, pode ocorrer algumas vezes uma dúvida, acerca de qual expressão de uma língua corresponde a da outra língua, que não pode ser resolvida imediatamente. Por isso, nesse domínio a tradução é quase um processo mecânico que qualquer um com um

conhecimento mediano de ambas as línguas pode realizar, e, quando se evita abertamente o falso, ocorrem poucas diferenças entre o pior e o melhor. Porém, nas produções da arte e da ciência, quando se deve transplantá-las de uma língua para outra, há que se considerar duas coisas que alteram completamente a situação. A saber, se nas duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra da outra, expressando os mesmos conceitos com as mesmas extensões; se suas flexões representassem as mesmas relações, e seus modos de articulação coincidissem, de tal modo que as línguas fossem diferentes apenas para o ouvido; então, também no domínio da arte e da ciência, toda tradução, na medida em que por ela se deve comunicar o conhecimento do conteúdo de um discurso ou escrito, seria também puramente mecânica como na vida comercial; e se poderia dizer de toda tradução, com exceção dos efeitos do acento e do ritmo, que o leitor estrangeiro estaria na mesma situação frente ao autor e sua obra que o nativo. Porém, com todas as línguas que não são tão próximas, que pudessem ser consideradas como simples dialetos, a situação é precisamente a oposta, e quanto mais distantes estão uma da outra quanto à origem e ao tempo, tanto mais nenhuma palavra em uma língua corresponde exatamente a uma da outra, e nenhuma flexão de uma apanha exatamente a mesma variedade de relações como uma da outra. Uma vez que esta irracionalidade, como eu a denomino, penetra em todos os elementos das duas línguas, ela deve afetar também o domínio das relações sociais. Mas, é claro que aí sua pressão é pequena e, assim, como que não tem nenhum influxo. Todas as palavras que expressam objetos e atividades, sobre os quais importa, são igualmente calibradas e, se uma sutileza vazia e demasiado cautelosa quisesse ainda precaver-se contra uma possível desigualdade do valor das palavras, a coisa mesma igualaria tudo imediatamente. Bem diferente é a situação no domínio da arte e da ciência, e onde quer que predomine o pensamento, que se identifica com o discurso, e não a coisa, para a qual a palavra é apenas um signo arbitrário, embora talvez firmemente estabelecido. Então, quão infinitamente difícil e complicado torna-se aí o trabalho, que

conhecimento específico e que domínio de ambas as línguas pressupõe! E quantas vezes os mais entendidos no assunto e conhecedores da língua se opõem, convencidos de que é impossível encontrar uma expressão equivalente, quando eles querem dizer apenas qual é a mais aproximada. Isto vale tanto para as expressões vivas e pitorescas das obras poéticas quanto para as mais abstratas que designam o mais intrínseco e universal das coisas da ciência mais elevada.

O segundo ponto em que a tradução genuína difere inteiramente da simples interpretação é o seguinte. Em toda parte, onde o discurso não está inteiramente ligado a objetos visíveis ou fatos externos, os quais devem apenas ser proferidos, ou seja, onde o falante pensa mais ou menos espontaneamente, onde ele quer se expressar, o falante se encontra em dupla relação com a língua, e seu discurso agora apenas pode ser corretamente compreendido na medida em que esta relação seja corretamente apreendida. Por um lado, cada homem está sob o poder da língua que ele fala; ele e seu pensamento são um produto dela. Ele não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração de seus conceitos, o tipo e os limites de suas articulações estão previamente traçados para ele pela língua em que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela. Por outro lado, porém, cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua. Pois, como, senão por meio dessas influências, a língua teria se formado e crescido desde seu estado primitivo e rude até a formação completa na ciência e na arte? Nesse sentido, portanto, é a força viva do indivíduo que produz novas formas na matéria maleável da língua, originalmente apenas com o propósito momentâneo de compartilhar uma consciência transitória, das quais, porém, ora mais ora menos, algumas permanecem na língua e, recolhidas por outros, disseminam seu efeito formador. Pode-se dizer que alguém merece ser escutado, para além de seu domínio singular e imediato, apenas na medida em que influi assim em sua língua. Todo discurso que pode ser produzido por mil órgãos sempre do mesmo modo logo desaparece

necessariamente. Somente pode e deve durar mais aquele que por si mesmo forma um novo momento na vida da língua. Por isso, todo discurso livre e superior quer ser compreendido de dois modos; por um lado, a partir do espírito da língua de cujos elementos ele é composto, como uma exposição amarrada e condicionada por este espírito, por este produzida e vivificada no falante; por outro lado, quer ser compreendido a partir do ânimo do falante como sua ação, como algo que apenas a partir de seu modo de ser poderia surgir assim e ser esclarecido. Sim, qualquer discurso desse tipo apenas é compreendido, no sentido mais forte da palavra, quando estas duas relações são ambas apreendidas e em sua verdadeira proporção recíproca, de tal modo que se sabe qual delas predomina no todo ou nas partes individuais. Compreende-se o discurso como ação do falante apenas quando, ao mesmo tempo, se percebe onde e como o poder da língua o capturou, onde o efeito desse poder enrodilhou os raios do pensamento, onde e como a errante fantasia ficou presa em suas formas. Também, compreende-se o discurso como produto da língua e como manifestação de seu espírito apenas quando, na medida em que, por exemplo, se sinta que assim apenas um grego poderia pensar e falar, que assim apenas esta língua poderia influir no espírito humano, e se sinta também que assim apenas este homem poderia pensar e falar em grego, que assim apenas ele poderia manejar e configurar a língua, que se revela assim apenas a sua posse viva da riqueza lingüística, apenas um sentido regente da medida e da eufonia, apenas a sua capacidade de pensar e imaginar. Agora, se a compreensão nesse domínio já é difícil mesmo na mesma língua, e implica uma exata e profunda penetração no espírito da língua e na singularidade do escritor: como não seria muito mais uma arte superior quando se trata das produções em uma língua estranha e distante! Com certeza, então, quem adquiriu esta arte da compreensão por meio de esforços solícitos com a língua e por meio do conhecimento rigoroso da vida histórica completa do povo, e por meio da re-atualização vivíssima de cada obra e de seu autor, esse, com certeza, e também apenas esse, pode desejar abrir

ao seu povo e contemporâneos a mesma compreensão das obras primas da arte e da ciência.

Porém, a cautela deve aumentar quando ele quiser iniciar a tarefa, quando ele quiser determinar com exatidão os seus fins e considerar os seus meios. Deveria ele se propor a estabelecer, entre dois homens tão separados um do outro como o são os que falam a sua própria língua e desconhecem a do escritor original, e o escritor mesmo, uma relação tão imediata como aquela do escritor e seu leitor original? Ou, ainda que ele queira oferecer aos seus leitores apenas o mesmo entendimento e o mesmo prazer que ele experimenta, que são a mescla da mostra dos vestígios do esforço e do sentimento do estranho: como ele pode mostrar este e esconder aquele com os meios de que dispõe? Para que os seus leitores compreendam eles devem apreender o espírito da língua na qual o autor era natural, eles têm que poder intuir a sua maneira singular de pensar e de sentir; e para alcançar estas duas coisas, ele não pode senão oferecer a sua própria língua, que nunca coincide adequadamente com aquela, e a si mesmo, enquanto conhece o seu escritor mais ou menos claramente, e admira e aprova mais ou menos. A tradução não aparece, assim considerada, como um empreendimento insensato?

Por isso, na incerteza de alcançar este fim, ou, se for preferível, antes que isso fosse percebido claramente, inventaram-se, não pelo singular sentido da arte e da língua, mas pela necessidade espiritual de um lado e, por outro, pela habilidade mental, duas outras maneiras de estabelecer conhecimento com as obras de línguas estranhas, em que algumas daquelas dificuldades são suprimidas violentamente, outras resolvidas inteligentemente, mas abandonando inteiramente a idéia de tradução aqui proposta; estas duas maneiras são a paráfrase e a imitação.

A paráfrase quer dominar a irracionalidade da língua, mas apenas de um modo mecânico. Ela significa que mesmo que eu não encontre uma palavra que corresponda a uma da língua original, eu devo buscar me aproximar o mais possível de seu valor por meio do acréscimo de determinações delimitadoras e ampliadoras. Desse

modo, ela trabalha entre o muito inoportuno e o pouco penoso por meio de uma acumulação de detalhes soltos. Ela pode, talvez, repor desse modo o conteúdo com uma acuidade limitada, mas perde inteiramente a impressão; pois, o discurso vivo está irrecuperavelmente morto, na medida em que todos percebem que tal discurso não poderia originalmente provir assim de um espírito humano. O parafraseador opera com os elementos de ambas as línguas, como se eles fossem símbolos matemáticos que, por adição e subtração, poderiam reduzir-se a um valor igual e, com essa operação, nem o espírito da língua usada nem o da língua original pode se manifestar. Se, além disso, a paráfrase pretenda indicar psicologicamente os vestígios das ligações do pensamento, ali onde elas são obscuras e deixam-se perder, através da incisão de frases: então, ela aspira ao mesmo tempo, quando se trata de composições difíceis, ocupar o lugar do comentário, e quer ainda menos se adequar ao conceito de tradução.

A imitação, ao contrário, curva-se diante da irracionalidade das línguas; confessa que não se pode reproduzir em outra língua a imagem de uma obra de arte do discurso em que cada uma de suas partes corresponda exatamente a cada uma das partes do original, mas, que devido à diferença das línguas, a que estão ligadas tantas outras diferenças, não resta senão elaborar uma cópia, um todo composto de partes visivelmente diferentes das partes do original, mas que no efeito se aproxime do outro, tanto quanto a diferença de material permita. Uma tal imitação não é mais aquela obra mesma, por isso também o espírito da língua original não mais é exposto e atuante; mais ainda, a novidade que ela produziu é substituída por outra coisa; uma obra desse tipo apenas deve produzir o mais possível para seus leitores, levando-se em conta a diferença da língua, dos costumes e da cultura, o mesmo que a original para os seus leitores; ao querer salvar a igualdade da impressão, perde-se a identidade da obra. O imitador também não pretende por em contato o escritor e o leitor da imitação, porque ele não mantém nenhuma relação imediata entre eles, mas apenas pretende produzir no último

uma impressão semelhante, como aquela recebida da obra original pelos seus contemporâneos.

A paráfrase é mais utilizada no domínio das ciências; a imitação mais no das belas artes; e assim como todos admitem que uma obra de arte perde seu tom, seu brilho e todo seu conteúdo artístico quando parafraseada, também é certo que ninguém ainda cometeu a loucura de tentar uma imitação da uma obra-mestra da ciência tratando livremente seu conteúdo. Nenhum desses dois procedimentos pode satisfazer aquele que, compenetrado com o valor de uma obra-mestra, queira estender seu círculo de atuação aos que falam sua língua e que pense no conceito rigoroso de tradução. Ambos, pelo seu afastamento deste conceito, não podem ser aqui considerados mais de perto; estão aqui apenas como marcos delimitadores para o domínio que propriamente nos interessa.

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranqüilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranqüilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. A diferença entre ambos os métodos, onde reside a sua relação mútua, será mostrada a seguir. Porque, no primeiro caso, o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da língua original, do qual o leitor carece. A mesma imagem, a mesma impressão que ele, com seu conhecimento da língua original, alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores, movendo-os, por conseguinte, até o lugar que ele ocupa e que propriamente lhe é estranho. Mas, se a tradução quer fazer, por exemplo, que um autor latino fale como, se fosse alemão, haveria falado e escrito para alemães, então, não

apenas o autor move-se até o lugar do tradutor, pois, tampouco para este fala em alemão o autor, senão latim; antes coloca-o diretamente no mundo dos leitores alemães e o faz semelhante a eles; e este é precisamente o outro caso. A primeira tradução será perfeita em seu gênero quando se pode dizer que, em havendo o autor aprendido alemão tão bem como o tradutor latim, ele teria traduzido a sua obra, originalmente redigida em latim, tal como realmente o fez o tradutor. A outra, por sua vez, ao não mostrar o autor ele mesmo como ele teria traduzido, mas sim como ele teria escrito originalmente em alemão e, enquanto alemão, dificilmente poderia ter outro critério de perfeição que não fosse o de poder assegurar que, se os leitores alemães em conjunto se deixassem transformar em conhecedores e contemporâneos do autor, a obra mesma teria chegado a ser para eles exatamente o mesmo que é agora a tradução, ao haver-se transformado o autor em alemão. Seguem este método, evidentemente, quantos utilizam a fórmula de que se deve traduzir um autor como ele mesmo haveria escrito em alemão.

Esta confrontação expõe, sem dúvida, quão diferente tem que ser o procedimento em cada caso, e como, se no mesmo trabalho se quisesse alternar os métodos, tudo resultaria incompreensível e inadequado. Porém, desejo afirmar também que, fora destes dois métodos, não pode haver outro que se proponha um fim determinado. Acontece que não há mais procedimentos possíveis. As duas partes separadas ou bem tem que ir encontrar-se em um ponto médio, e este sempre será o do tradutor, ou bem uma tem que se adaptar inteiramente à outra e, então, cai no domínio da tradução um único gênero e do outro apenas apareceria se, em nosso caso, os leitores alemães chegassem a dominar de todo a língua latina ou, mais precisamente, se esta chegasse a se apoderar deles por completo até os transformar.

Assim, pois, tudo o que se disse sobre traduções segundo a letra ou segundo o espírito, traduções fiéis ou traduções livres, e tantas outras expressões que pudessem alegar o direito de vigência, ainda que se trate de métodos diversos, têm que poder reduzir-se aos dois mencionados. E se o que se quer é mostrar vícios e virtudes,

resultará que a fidelidade e a conformidade ao sentido, ou a literalidade e a liberdade excessivas de um método, serão diferentes das do outro. Minha intenção é, por conseguinte, prescindir de todas as questões particulares acerca deste objeto, já tratadas pelos especialistas, e considerar apenas os traços mais gerais desses métodos para que se possa ver mais facilmente em que consistem as vantagens e as dificuldades de cada um deles e, portanto, em que sentido alcança melhor um e outro o fim da tradução e quais são os limites dentro dos quais podem aplicar-se cada um deles.

Desde um ponto de vista tão geral, haveria que se empreender duas tarefas, das quais este ensaio constitui somente a introdução. Poderíamos esboçar regras para cada um dos dois métodos, levando-se em conta os diversos gêneros de discurso e poderíamos comparar os mais destacados esforços feitos de acordo com uma ou outra opinião, julgá-los, e assim esclarecer mais ainda o tema. Ambas as coisas eu tenho que deixar para outros ou, ao menos, para outra ocasião.

O método que aspira produzir no leitor, mediante a tradução, a mesma impressão que, como alemão, ele teria da leitura da obra na língua original, tem que determinar antes de tudo que classe de compreensão da língua original deseja de certo modo imitar. Pois, há uma que não deve e outra que não pode ser imitada pela tradução. A primeira é uma compreensão escolar que se abre, mas com esforço e quase com repugnância, por meio de cada frase e por isso nunca chega à clara visão do todo, à compreensão viva do conjunto. Enquanto a parte culta de um povo não tenha, em geral, nenhuma experiência de uma penetração mais profunda em línguas estrangeiras, oxalá o gênio guia dos que avançaram mais os livre de empreender tais traduções. Pois, se pretendessem erigir como regra a sua própria compreensão, eles mesmos seriam mal entendidos e conseguiriam pouco; e se sua tradução tivesse que representar a compreensão corrente, dever-se-ia relegar o quanto antes ao esquecimento uma obra tão tosca. Assim, pois, em tais circunstâncias, convém primeiro despertar e afinar o gosto do estranho mediante imitações livres e preparar com paráfrases uma

compreensão mais geral, preparando assim o caminho para futuras traduções[1].

Porém, há outra compreensão que nenhum tradutor pode imitar. Pensemos nesses homens fortes que a natureza produz às vezes, como que para mostrar que também pode destruir em casos isolados as barreiras do nacional; homens que sentem tão singular afinidade com uma existência estranha que se situam inteiramente, vital e ideologicamente, dentro de outra língua e de suas produções e, ao entregarem-se por completo ao estudo de um mundo estrangeiro, deixam que se tornem de todo estranhos seu próprio mundo e sua própria língua; ou bem esses homens estão como que destinados a representar em toda a sua amplitude a capacidade lingüística, para quem todas as línguas que pode alcançar são de todo equivalentes e as percebem como feitas a sua medida: estes homens se situam em um ponto em que o valor da tradução se reduz a zero. Com efeito, como em sua compreensão de obras estrangeiras já não se dá o menor influxo da língua materna e a consciência de sua compreensão não lhes chega de nenhum modo nesta língua, senão que a adquirem direta e espontaneamente na do original, tampouco sentem a menor incomensurabilidade entre seu pensamento e a língua em que lêem. Por isso, nenhuma tradução pode alcançar nem expor a compreensão que eles obtêm. E, do mesmo modo que traduzir, para eles, seria verter água no mar ou no

[1] Esta era ainda, no conjunto, a situação dos alemães naquele tempo em que, segundo Goethe (A. m. Leben, III, 111), as traduções em prosa, inclusive de obras poéticas – e tais traduções terão que ser sempre mais ou menos parafrásticas –, eram mais proveitosas para a formação da juventude e nisto estou totalmente de acordo com ele; pois, em tempos como aquele, da poesia estrangeira apenas a invenção poderia tornar-se inteligível, enquanto que os valores métricos e musicais não poderiam ainda ser apreciados. Porém, não posso crer que ainda hoje o Homero de Voss e o Shakeaspeare de Schlegel somente devam servir para o entretenimento mútuo dos eruditos; como tampouco que ainda hoje possa uma tradução de Homero em prosa ser conveniente para a autêntica formação do gosto e promoção da poesia; senão para as crianças, uma refundição como a de Becker, e para os adultos, jovens e velhos, uma tradução métrica, como, certamente, talvez ainda não a tenhamos. Entre ambas, eu não saberia colocar nenhuma outra coisa interessante.

vinho, assim também costumam eles, desde sua altura, sorrir compassivamente, e não sem razão, ao ver as tentativas que se fazem neste domínio. Pois, na verdade, se o público para o qual se traduz fosse igual a eles, seria inútil tal esforço.

A tradução se ordena, pois, a um estado que se acha a meio caminho entre estes dois e o tradutor tem que se colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que a leitura da obra na língua original busca o homem culto, a quem, no melhor sentido dessas palavras, costumamos chamar aficionado e entendido, que conhece suficientemente a língua estrangeira sem que deixe de lhe parecer estranha e já não necessita, como os alunos, repensar na língua materna cada parte antes de compreender o todo, mas, inclusive quando mais sem travas desfruta das belezas de uma obra, siga notando sempre a diferença entre a língua em que está escrita e a sua língua materna. Certo é que, ainda depois de fixar estes pontos, o círculo de ação e a delimitação desta maneira de traduzir seguem nos parecendo bastante imprecisos. O único que vemos é que, assim como a inclinação a traduzir somente pode nascer quando entre a parte culta do povo se há difundido certa capacidade de trato com línguas estrangeiras, assim também a arte somente pode crescer e apontar cada vez mais alto, à medida em que o interesse e o conhecimento de obras estrangeiras se estenda e se eleve entre aquela parte do povo que exercitou e educou seu ouvido sem fazer da aprendizagem de línguas seu verdadeiro ofício. Mas, ao mesmo tempo, não podemos ocultar que, quanto mais sensíveis sejam os leitores a tais traduções, tanto mais se acumulam também as dificuldades da tarefa, sobretudo se se leva em conta os produtos mais peculiares das artes e das ciências de um povo, que certamente são para o tradutor os objetos mais importantes. E, sendo a língua um ente histórico, não pode haver autêntica sensibilidade para ela sem sensibilidade para a sua história. As línguas não se inventam, e trabalhar nelas ou sobre elas de modo puramente arbitrário é sempre um disparate; as línguas se descobrem pouco a pouco, e a ciência e a arte são as forças que promovem e completam este descobrimento. Todo espírito raro, em que uma parte das intuições do povo se

configuram de modo peculiar em uma de ambas as formas, trabalha e atua dentro da língua em tal sentido e, também, suas obras têm que conter, por conseguinte, uma parte da história de sua língua.

Isto causa ao tradutor de obras científicas grandes dificuldades, inclusive com freqüência insuperáveis; pois, para quem, provido de conhecimentos suficientes, lê na língua original uma excelente obra deste tipo, não escapa facilmente o influxo exercido por ela sobre a língua. Observa que palavras, que construções se mostram ali talvez em seu primeiro brilho de novidade; vê como se deslocam na língua através das exigências próprias deste espírito e da força que o caracteriza, e esta observação determina em grande medida a impressão que recebe. O tradutor deve, pois, transmitir também isto a seus leitores; do contrário, perderiam eles uma parte, seguidamente muito importante, do que lhes está destinado. Mas, como se pode conseguir isto? Já no particular, quantas vezes a uma palavra nova da língua original corresponde na nossa precisamente uma palavra velha e gasta, de modo que o tradutor, se quer mostrar também então como atua a obra original modelando a língua, teria que colocar na passagem um conteúdo estranho e, portanto, passar ao terreno da imitação! Quantas vezes, ainda que possa reproduzir o novo com o novo, resultará que a palavra mais semelhante por sua composição e procedência não é a que melhor reproduz o sentido, e terá que suscitar outras conotações, se não quer destruir a coerência imediata! Terá que se consolar pensando que em outras passagens, em que o autor usou palavras velhas e conhecidas, pode se distanciar, alcançando assim no conjunto o que não pode conseguir em cada caso. Mas, se a formação de palavras de um mestre é seguida em sua totalidade, ao uso que faz de vocábulos e radicais afins, em grandes volumes de escritos relacionados entre si, como quer o tradutor ter êxito ali, quando o sistema de conceitos e de signos é em sua língua totalmente diverso dos da língua original, e os radicais, em vez de cobrirem-se paralelamente, antes se entrecruzam em direções as mais diversas? Por isso, será impossível que a língua do tradutor tenha sempre a mesma coerência que a de

seu autor. Aqui, por conseguinte, terá que se contentar com alcançar em casos isolados o que não pode alcançar em conjunto. Terá que estipular com seus leitores que, ao ler uma obra, não pensem nas outras com igual rigor que os leitores originais, senão que antes as considerem em separado; mais ainda, que inclusive devem o elogiar quando, dentro de cada obra, e, muitas vezes, ainda que apenas seja em partes da mesma, consegue manter para os temas de maior importância tal uniformidade que uma palavra não receba uma multiplicidade de suplentes totalmente diferentes, nem reine na tradução uma variedade confusa quando a língua original conserva na expressão uma afinidade firme e constante.

Estas dificuldades se apresentam sobretudo no domínio da ciência. Há outras, e não menores, no da poesia e também no da prosa artística, para a qual tem também especial e superior importância o elemento musical da língua que se manifesta no ritmo e na entonação. Todo o mundo nota que no espírito mais fino, o encanto supremo da arte em suas obras mais acabadas, se perde se aquele elemento musical é descuidado ou destruído. Por conseguinte, o que ao leitor sensível da obra original impressiona neste aspecto como característico, intencionado e eficaz quanto ao tom e a disposição de ânimo, e como decisivo para o acompanhamento rítmico ou musical do discurso, deve também transmiti-lo o tradutor. Mas, quantas vezes – mais ainda, é já quase um milagre não ter que dizer “sempre” – a fidelidade rítmica e melódica estará em discordância irreconciliável com a fidelidade dialética e gramatical! E, quão difícil é, na vacilação acerca do que se deve sacrificar aqui ou ali, com freqüência não se tome precisamente a decisão errada! Quão difícil, inclusive, é que o tradutor, quando há ocasião para isto, restitua equitativamente e de verdade o que aqui teve que tirar a cada parte e não caia, ainda que inconscientemente, em obstinada unilateralidade por inclinar-se mais seu gosto pessoal a um elemento artístico que a outro! Com efeito, se nas obras de arte prefere a matéria ética e seu tratamento, perceberá menos os estragos que fez ao elemento métrico e musical da forma e, em vez de pensar em repará-los, se contentará com uma

translação cada vez mais cômoda e mais próxima à paráfrase. Mas, se acontece que o tradutor é músico ou metrificador, postergará o elemento lógico para se apoderar somente do musical; e, ao enredar-se mais e mais nesta unilateralidade, trabalhará cada vez mais insatisfatoriamente e, se se compara sua translação com a obra original em conjunto, ver-se-á que, sem dar-se conta, cada vez se aproxima mais daquela insuficiência escolar que perde o todo para salvar o detalhe; pois, se, graças à semelhança material do tom e do ritmo, o que na língua é fácil e natural se reproduz na outra com expressões duras e chocantes, a impressão do conjunto tem que ser totalmente diferente.

Se o tradutor atenta para sua relação com a língua em que escreve e a relação de sua tradução com as outras obras, no entanto, apresentam-se outras dificuldades. Excetuando-se esses mestres admiráveis que se movem com igual leveza em várias línguas, aos quais inclusive uma língua aprendida chega a lhes ser mais natural que a materna, para quem, como já dissemos, a tradução carece de sentido, todos os demais homens, por mais fácil que resulte a leitura em uma língua estrangeira, resta sempre ante ela a sensação de algo estranho. Como fará, então, o tradutor para que esta mesma sensação de encontrar-se diante de algo estrangeiro passe também a seus leitores, a quem apresenta a tradução em sua língua materna? Dir-se-á, sem dúvida, que faz já muito que se fechou a chave para este enigma, a que com freqüência se deu entre nós uma solução talvez demasiada feliz; com efeito, quanto mais se aproxima a tradução dos giros do original, tanto mais estranha será a impressão que o leitor recebe. Naturalmente; e é bastante fácil sorrir, em geral, diante deste procedimento. Mas, se não se quer alcançar esta satisfação a um preço demasiado baixo, se não se quer colocar no mesmo nível o mais perfeito e o mais pobre e defeituoso, terá que se admitir que este método de tradução exige inevitavelmente da língua uma atitude que não somente não é cotidiana, senão que, além disso, abre o flanco para a censura de não ser espontânea e acomodar-se mais a uma semelhança exótica. E é preciso confessar que fazer isto com arte e com medida, sem prejuízo próprio e sem dano à língua, talvez

seja a maior dificuldade que tem que vencer nosso tradutor. A tarefa aparece como o mais assombroso estado de degradação em que pode colocar-se um mau escritor. Quem não deseja apresentar sempre sua língua materna com a beleza mais castiça que possa se dar em cada gênero? Quem não prefere engendrar filhos que mostrem genuinamente a linhagem paterna, ao invés de mestiços? Quem se aplicará com gosto a executar em público movimentos menos soltos e elegantes do que sem dúvida poderia e, pelo menos às vezes, parecer rude e travado, a fim de parecer ao leitor bastante estranho para que este não perca de vista as circunstâncias? Quem admitirá de boa vontade que o considerem torpe, enquanto se esforça por conservar frente a língua estranha toda a proximidade que tolera à própria, e que se lhe censure como aos pais que entregam seus filhos a treinadores, porque, em vez de exercitar a sua língua materna em uma ginástica apropriada, trata de acostumá-la a contorções estranhas e anti-naturais? Quem, afinal, permitirá de bom grado que precisamente os mais entendidos e os melhores mestres lhe dediquem o sorriso mais compassivo e digam que não entenderiam seu trabalhoso e precipitado alemão sem recorrer ao latim e ao grego?

Estas são as renúncias que nosso tradutor há que se impor necessariamente; estes os perigos a que se expõe se, ao esforçar-se por manter exótico o tom da língua, não respeita uma finíssima raia, e aos que nem ainda assim escapará nunca de todo, porque cada um traça para si essa raia de maneira muito distinta. Se, por outra parte, pensa no inevitável influxo do costume, pode chegar a temer que também em suas produções livres e originais se depreenda desde a tradução mais de um elemento impróprio e rude, e se lhe embote um pouco o delicado sentido que percebe o bom estado natural da língua. E, se pensa, além disso, no grande exército de imitadores, e na preguiça e na mediocridade reinantes no público escritor, tem que se enterrar ao ver quanto relaxamento e irregularidade, de quanta verdadeira torpeza e rigidez, de quantos danos de toda índole inferidos à língua terá que se sentir em parte responsável; pois, os

melhores e os piores serão quase os únicos que não tratarão de tirar falso proveito de seus esforços.

Esta queixa, que semelhante maneira de traduzir tem que prejudicar desde dentro a pureza da língua e seu tranqüilo desenvolvimento, se ouve com freqüência. Porém, se no momento queremos calá-las com o conselho frouxo de que, sem dúvida, haverá vantagens que compensam estes danos e que, pois todo bem leva consigo um mal, a sabedoria consiste precisamente em alcançar o mais possível do primeiro e receber o menos possível do segundo: isto é o que resulta, em todo caso, da difícil tarefa de querer refletir o estranho na língua materna. Em primeiro lugar, que este método de traduzir não pode prosperar igualmente em todas as línguas, senão que tão somente nas que estão livres das ataduras demasiado apertadas de uma expressão clássica, fora da qual tudo é reprovável. Essas línguas restringidas podem buscar a ampliação de seu território fazendo falar por estrangeiros a quem não lhes basta sua língua materna; sem dúvida serão muito aptas para isso; podem apropriar-se de obras estrangeiras por meio de imitações e talvez de traduções do outro tipo; mas, desta maneira têm que deixar para as línguas mais livres, que toleram melhor desvios e novidades, de cuja acumulação pode surgir, em determinadas circunstâncias, um caráter determinado. Segue-se, também, com bastante claridade que esta maneira de traduzir não tem nenhum valor se em uma língua apenas se pratica isolada e casualmente. Pois, está claro que não se alcança este fim simplesmente soprando o hálito estrangeiro sobre o leitor; senão que se este há de receber uma idéia, ainda que remota, da língua original e do que a ela deve a obra, e assim há de diminuir em certo modo o fato de que não a entenda, não basta que ele experimente a confusa impressão de que o que ele lê não soa de todo à indígena, senão que tem que lhe soar como algo determinado e diferente, o qual apenas é possível onde consegue estabelecer comparações massivas. Se leu algo que sabe traduzido, e traduzido deste modo, de outras línguas modernas, e algo também das antigas, sem dúvida se desenvolverá nele certo ouvido para distinguir o antigo do moderno. Mas, tem que haver lido já muito mais para

poder distinguir a origem grega da latina, ou a espanhola da italiana. E, sem dúvida, inclusive dificilmente se alcançará com isto o fim mais alto; senão que o leitor da tradução somente se equiparará ao melhor leitor da obra original quando for capaz de vislumbrar e compreender paulatinamente com precisão, junto com o espírito da língua, o espírito próprio do autor tal como se manifesta na obra. O único órgão para isto é sem dúvida o talento da intuição individual; mas, aqui precisamente é imprescindível uma massa de comparações muito maior ainda. E estas não se dão se em uma língua apenas de vez em quando se traduzem obras de mestres em gêneros isolados. Desse modo, inclusive os leitores mais cultos apenas podem conseguir, por meio da tradução, um conhecimento sumamente imperfeito do estranho; e que possam elevar-se até um verdadeiro juízo, tanto da tradução como do original, não há nem como pensá-lo. Por isso, esta maneira de traduzir requer absolutamente uma atuação em massa, um transplante de literaturas inteiras a uma língua e, portanto, somente tem sentido e valor para um povo decididamente inclinado a assimilar o estranho. Os trabalhos isolados deste gênero somente têm valor como precursores para o desenvolvimento e a formação de um interesse mais geral por esse procedimento. Se não suscitam este interesse, tropeçam em algo que lhes será contrário no espírito da língua e de seu tempo; e, então, somente podem aparecer como tentativas falhadas e seu êxito, inclusive isoladamente, será pouco ou nenhum. Porém, ainda que a tarefa vá adiante, não se pode esperar facilmente que um trabalho desta índole, por excelente que seja, consiga a aprovação geral. Diante das muitas precauções que há que se tomar e dificuldades a vencer, tem que se desenvolver diferentes opiniões sobre que aspectos da tarefa devem ser postos em relevo e quais atenuados. Assim, se formarão, de certo modo, diversas escolas entre os mestres e diferentes partidos no público que os segue; e, ainda que sempre está na base o mesmo método, poderá haver simultaneamente diferentes traduções de uma mesma obra concebidas desde pontos de vista diferentes, das quais nem sequer poderia se dizer que uma seja no conjunto superior ou menos

perfeita, senão que apenas algumas partes estarão melhor realizadas em uma e outras partes na outra, e unicamente todas juntas e relacionadas entre si, ao fazer uma mais apoio nesta e outra em noutra a aproximação à língua original, cumprirão de todo a tarefa, pois, cada uma por si mesma nunca terá mais que um valor condicionado e subjetivo.

Estas são as dificuldades que enfrenta este método de traduzir e as imperfeições inerentes à sua natureza. Porém, reconhecidas estas, contudo, há que se valorizar a tarefa em si e não se pode lhe negar o mérito. Este se baseia em duas condições: que a compreensão de obras estrangeiras seja uma situação conhecida e desejada, e que se conceda certa flexibilidade à língua nacional mesma. Quando tais condições se cumprem, esta maneira de traduzir chega a ser um fenômeno natural, intervindo no processo total da cultura e, ao alcançar um valor determinado, proporciona, por sua vez, um prazer seguro.

O que diremos do método oposto, que, sem exigir de seu leitor nenhum trabalho nem fadiga, quer por em sua presença, diretamente e como que por encanto, o autor estrangeiro, e mostrar a obra tal como seria se o autor mesmo a tivesse escrito originalmente na língua do leitor? Não poucas vezes se há apresentado esta exigência como a única que poderia se fazer a um verdadeiro tradutor, e como muito mais elevada e perfeita que a outra; inclusive, fizeram-se tentativas isoladas, ou talvez obras mestras que indubitavelmente se haviam fixado esta meta. Vejamos, pois, o que há nisso e se não conviria, talvez, que este procedimento, até agora indiscutivelmente menos praticado, se tornasse mais freqüente e eliminasse o outro arriscado e em muitos pontos insuficiente.

O que se vê de imediato é que a língua do tradutor não tem nada a temer deste procedimento. A sua primeira regra deve ser não se permitir, pela relação de seu trabalho com uma língua estrangeira, nada que em sua própria língua não se permita também a qualquer escrito original do mesmo gênero. Mais ainda, o tradutor está tão obrigado como qualquer outro a procurar ao menos com igual cuidado a pureza e a perfeição da língua, a esforçar-se por conseguir

a mesma agilidade e naturalidade de estilo que honram a seu escritor na língua original. Também é certo que, se queremos fazer com que nossos compatriotas vejam claramente o que um escritor foi para sua língua, não podemos propor nenhuma fórmula melhor que o apresentar falando como temos que pensar que haveria falado na nossa, sobretudo, se o grau de evolução em que ele falou sua língua tem semelhança com aquele em que precisamente se encontra a nossa. Podemos, de certo modo, pensar como teria falado Tácito se houvesse sido alemão, ou, mais exatamente, como falaria um alemão que fosse para nossa língua o que foi Tácito para a sua; feliz daquele que o pense tão vivamente que o possa fazer falar realmente! Porém, que isto possa acontecer, fazendo-se dizer o mesmo que o Tácito romano disse em latim, é já outra questão, a qual não é fácil dar uma resposta afirmativa. Pois, uma coisa é compreender bem e expor de algum modo o influxo que um homem exerceu sobre sua língua, e outra muito diferente é querer saber que giro haviam tomado seus pensamentos e a expressão destes pensamentos, se tivesse tido o costume de pensar e se expressar originalmente em outra língua! Quem está persuadido de que, essencial e intimamente, o pensamento e a expressão se identificam, e nesta persuasão se funda, certamente, toda a arte da compreensão do discurso e, por conseguinte, também toda tradução, poderia querer separar de sua língua nativa uma pessoa e pensar que esta, ou inclusive apenas um de seus raciocínios, pode chegar a ser exatamente igual em duas línguas? Ou, ainda admitindo que de certo modo seja diferente, pode pretender analisar o discurso até os seus últimos elementos, isolar a participação nele da língua e, por um novo processo semelhante aos da química, fazer que o mais íntimo dele se combine com a estrutura e a força de outra língua? Pois, evidentemente, para levar a cabo esta tarefa, teria que eliminar com precisão tudo o que na obra escrita de um homem seja efeito, inclusive remotíssimo, de qualquer coisa que desde sua infância tenha falado ou ouvido em sua língua materna; logo, por assim dizer, alcançar a singularidade de seu modo de pensar, em sua relação com um objeto determinado, separar tudo o que teria sido

influência de tudo o que, desde o começo de sua vida ou desde seu primeiro contato com a língua estrangeira, tivesse falado ou ouvido nesta língua, até adquirir a faculdade de pensar e escrever originalmente nela. Isso não será possível até que se consiga sintetizar produtos orgânicos mediante um processo químico artificial. Mais ainda, pode-se dizer que a meta de traduzir tal como o autor mesmo teria escrito originalmente na língua da tradução não é apenas inatingível, senão que também é nula e vã em si mesma; pois, quem reconhece a força modeladora da língua e como ela se identifica com a singularidade do povo, tem que confessar que precisamente nos mais destacados é onde mais contribui a língua em configurar todo o seu saber e também a possibilidade de o expor, que, portanto, ninguém está unido a sua língua apenas mecânica e externamente como que por correias, e com a facilidade com que se solta uma parelha e atrela outra, também um pensamento alguém poderia à vontade atrelar a uma outra língua, senão que cada um produz originalmente apenas em sua língua materna e, portanto, nem sequer pode colocar-se a questão de como haveria escrito suas obras em outra língua. Contra isto, sem dúvida, qualquer um apontará dois casos bastante freqüentes. Em primeiro lugar, é notório que houve em outros tempos, não apenas exceções individuais, pois assim ainda continua ocorrendo, mas também em grande escala, uma destreza para escrever e inclusive filosofar e cultivar a poesia originalmente em línguas que não eram a nativa. Por que, então, para obter uma regra tanto mais segura, não há que se estender mentalmente esta destreza a todo escritor que alguém queira traduzir? Seguramente, porque tal destreza apenas se dá quando, na língua nativa, ou não pode em absoluto dizer-se o mesmo, ou ao menos não pode dizer ele mesmo. Se nos remontamos aos tempos em que as línguas românicas começavam a se formar, quem pode dizer qual língua era então a nativa para os que viviam naqueles países? E quem poderá negar que para os que então cultivavam as ciências foi o latim mais língua materna que o vulgar? Mas, isto vai muito mais longe para determinadas exigências e atividades do espírito. Enquanto a língua materna não está ainda madura para elas,

continua sendo parcialmente materna a língua desde a qual se comunicaram a um povo nascente aquelas tendências do espírito. Grotius e Leibnitz não podiam, ou ao menos não sem ser totalmente diferentes do que foram, filosofar em alemão ou holandês. Mais ainda, inclusive quando aquela fonte está já inteiramente seca, e o broto completamente separado de sua antiga raiz, quem não seja pessoalmente ao mesmo tempo criador de língua e revolucionário, terá que ainda recorrer muitas vezes, voluntariamente ou por razões secundárias, a uma língua estrangeira. Ao nosso grande Rei, todos os pensamentos mais finos e elevados lhe chegaram por uma língua estranha que ele havia assimilado, para este campo, de modo mais íntimo. O que ele filosofou e poetou em francês, ele era incapaz de filosofar e poetar em alemão. Nós devemos lastimar que a grande predileção pela Inglaterra, que dominava uma parte de sua família, não pode direcioná-lo a desde a infância assimilar a língua inglesa, cuja última época de ouro então florecia, e que é muito mais próxima à alemã. Porém, é lícito acreditar que, se houvesse desfrutado de uma educação rigorosamente científica, ele teria preferido filosofar e poetar em latim antes que em francês. Isto depende, pois, de certas condições e não pode qualquer um produzir em qualquer língua, senão em uma determinada, e somente aquilo que não poderia produzir em sua língua materna; logo, não se pode utilizar como prova a favor de um método de traduzir, o qual quer mostrar como teria escrito alguém em outra língua o que realmente escreveu na sua.

No segundo caso, porém, o ler e escrever originalmente em línguas estrangeiras, parece mais favorável a este método. Pois, quem vai negar a nossos homens cosmopolitas e da corte que as coisas amáveis que pronunciam em alguma língua estrangeira as pensam diretamente nessa mesma língua, sem haver traduzido-as, quiçá em seu interior, do nosso pobre alemão? E assim como lhes é glorioso poder dizer estas doçuras e belezas com igual perfeição em muitas línguas, sem dúvida também as pensam com a mesma facilidade em todas e, além disso, cada um sabe muito bem, também dos outros, como haveria dito em italiano precisamente o que acaba

de dizer em francês. Certamente, porém, estes discursos não procedem do domínio em que os pensamentos brotam com a força de raiz profunda de uma língua própria, senão que são como brotos que um homem engenhoso faz crescer, sem terra alguma, sobre um pano branco. Estes discursos não constituem nem a sagrada seriedade da língua nem seu belo e bem medido jogo; senão que, como os povos se entremesclam nestes tempos de uma maneira antes pouco conhecida, resulta que, onde quer que haja mercado, e estas são as conversações de mercado, sejam de caráter político ou literário, ou social, e não pertencem verdadeiramente ao domínio da tradução, mas apenas ao do intérprete. E mesmo quando, como às vezes acontece, são reunidos em um conjunto maior e tornam-se um escrito, então, estes escritos, que são simples jogos da vida superficial e elegante, sem revelar nenhuma profundidade da existência nem conservar nenhuma peculiaridade do povo, podem traduzir-se segundo esta regra; mas, também apenas estes, porque somente eles poderiam ter sido redigidos originalmente com igual perfeição em outra língua. E esta regra não pode estender-se mais, a não ser também aos acessos e portais de obras mais profundas e dominantes que, muito freqüentemente, foram construídas no pleno campo da vida social e elegante. Pois, quanto mais caracterizados estão os diferentes pensamentos de uma obra e sua concatenação pela peculiaridade do povo, e talvez também pelo caráter de um tempo há muito transcorrido, tanto mais perde esta regra seu significado. Pois, ainda sendo verdade que em alguns aspectos somente pelo conhecimento de várias línguas chega o homem a ser culto em certo sentido e um cidadão do mundo, assim temos que confessar que, tal como não consideramos legítimo o cosmopolitismo que em momentos importantes sufoca o amor à pátria, assim, relativamente às línguas tampouco é adequado e verdadeiramente formador um amor universal que, para o uso vivo e mais elevado, quer equiparar à língua pátria qualquer outra, antiga ou moderna. Como a uma pátria, o homem tem que se resolver a pertencer também a uma língua ou a outra; do contrário, andará indeciso em uma posição intermédia desagradável. Todavia, é justo

que ainda hoje entre nós se siga escrevendo oficialmente em latim, para manter viva a consciência de que esta foi a língua materna científica e litúrgica de nossos antepassados; é saudável que siga sendo assim também no domínio da ciência comum européia, para facilitar seu intercâmbio; mas, ainda nesse caso, somente se terá êxito na medida em que, para tal exposição, o objeto seja tudo e o particular modo de ver e combinar pouco. O mesmo é o caso com as línguas românicas. Quem, obrigado por seu cargo, escreve em uma dessas línguas, sem dúvida observará que seus pensamentos no começo da concepção são alemães, mas bem cedo, enquanto ainda o embrião está se formando, começa a traduzi-los; e aquele que por amor a uma ciência se impõe este sacrifício, somente se livrará das travas, sem traduzir secretamente, quando se sentir inteiramente dominado pelo objeto. Certamente, há também uma afecção livre para escrever em latim ou em românico, e se com isto se pensa a sério produzir em uma língua estrangeira com igual perfeição e originalidade que na própria: sem vacilar declararia eu tal afecção arte perversa e mágica, como o reduplicar-se, tentando assim não apenas burlar as leis naturais como também perturbar os outros. Porém, não é bem assim, antes esta afecção é somente um fino jogo mímico com o qual alguém passa o tempo agradavelmente nos vestíbulos da ciência e da arte. A produção em língua estranha não é original, apenas a rememoração de um escritor determinado ou do estilo de certa época, a qual representa algo assim como uma pessoa genérica, que é para a alma quase como uma imagem viva, que, ao ser tomada por modelo, orienta e determina a produção. Por isso, também, raras vezes surge por esta via algo que, com exceção da exatidão mímica, tenha verdadeiro valor; e se pode desfrutar tanto mais inocentemente desta sofisticada mostra de habilidade artística porque sempre transparece com bastante claridade a pessoa representada. Mas, se alguém, contra natureza e costume, tenha se convertido formalmente em exilado da língua materna e tenha se entregue a outra: então, talvez não seja afetada e fingida burla se assegura que já realmente não pode mover-se na primeira; mas, é apenas uma comprovação, que ele deve a si mesmo, que sua

natureza é verdadeiramente um prodígio contrário a toda ordem e a toda regra, e uma tranqüilização para os outros, que ele pelo menos não se duplica como um fantasma.

Nos demoramos obviamente em demasia no estranho, como se estivéssemos falando da escrita em línguas estrangeiras e não da tradução de línguas estrangeiras. As coisas são diferentes, porém. Quando não seja possível escrever originalmente em uma língua estranha algo que mereça e ao mesmo tempo necessite da tradução, considerada como arte, ou quando isto constitua ao menos uma exceção rara e grandiosa: então, não se pode ditar para a tradução a regra de que deve pensar como haveria escrito o autor mesmo exatamente na língua do tradutor; pois, não há suficientes exemplos de autores bilíngües para se retirar uma analogia que o tradutor pudesse seguir, senão que este, segundo se diz, em toda obra que não se pareça com a conversação ligeira, ou ao estilo comercial, estará quase por completo abandonado à sua imaginação. Mais ainda, o que se responderia se, a um tradutor que diz ao leitor, Aqui te apresento o livro tal como o seu autor o teria escrito se o tivesse escrito em alemão, o leitor contestasse, Eu estou tão agradecido como se você me tivesse apresentado o retrato do homem tal como pareceria se sua mãe o tivesse engendrado com outro pai? Pois, se das obras, que em um sentido mais elevado, pertencem à ciência e à arte, o espírito peculiar do autor é a mãe, sua língua pátria é o pai. Tanto um artifício como o outro pretendem intuições misteriosas que ninguém tem e apenas como jogo se pode desfrutar de um tão inocentemente quanto do outro.

Até que ponto se reduz a aplicabilidade deste método e como no domínio da tradução chega a ser quase nula, o melhor modo de comprová-lo é perceber quão insuperáveis são as dificuldades com as quais tropeça em alguns ramos da ciência e da arte. Se, já no uso da vida corrente, é preciso admitir que em uma língua há poucas palavras a que corresponda exatamente outra palavra de qualquer outra língua, de modo que esta possa ser usada em todos os casos em que se usa aquela e, nas mesmas articulações, produzam ambas sempre o mesmo efeito, isto se aplica mais ainda a

todos os conceitos quanto mais se aproxime do filosófico seu conteúdo e, portanto, em grau último, à filosofia autêntica. Aqui, mais que em nenhum outro domínio, cada língua contém, apesar das diversas opiniões coexistentes ou sucessivas, um sistema de conceitos que, precisamente porque se tocam, unem e completam na mesma língua, constituem um todo a cujas distintas partes não corresponde nenhuma do sistema de outras línguas, exceto Deus e ser, o substantivo e o verbo primitivos. Pois, até o simplesmente universal, apesar de encontrar-se fora do domínio da particularidade, é iluminado e colorido por ela. Nesse sistema da língua tem que se desenvolver a sabedoria de cada um. Cada um constrói com o que está disponível e ajuda a trazer à luz o que, sem estar disponível ainda, está já pré-formado. Apenas assim tem vida a sabedoria do indivíduo e pode governar eficazmente sua existência, a qual integra-se inteiramente nessa língua. Portanto, se o tradutor de um filósofo não quer se decidir por acomodar a língua da tradução, na medida do possível, à língua do original, para fazer entrever no possível o sistema de conceitos estabelecido nesta; se prefere fazer falar o seu escritor como se houvesse formado os pensamentos e o discurso originalmente em outra língua, que outra coisa pode fazer, dada a dessemelhança dos elementos de ambas as línguas, senão ou parafrasear – com o que não alcança seu objetivo, pois uma paráfrase nunca parece nem pode parecer algo originalmente produzido na mesma língua –, ou então terá que adaptar toda a sabedoria e a ciência de seu autor ao sistema conceitual da outra língua, transformando assim todas e cada uma das partes e, então, já não se consegue ver que limites se pode colocar para a arbitrariedade mais selvagem. Sim, deve-se dizer, quem tem um mínimo de respeito aos esforços e desenvolvimentos filosóficos não pode se entregar a um tão solto jogo.

Platão que me desculpe, se do filósofo passo ao comediógrafo. Este gênero artístico, no que se refere à língua, é o mais próximo ao terreno da conversação social. A inteira representação vive nos costumes da época e do povo, os quais, por sua vez, se refletem mais vivamente na língua. A ligeireza e a

naturalidade na graça são suas primeiras virtudes; e, precisamente por isso, as dificuldades da tradução segundo o método que acabamos de considerar são aqui enormes. Pois, toda aproximação a uma língua estrangeira menospreza aquelas virtudes da declamação. E, se o tradutor quer fazer falar um autor de obras cênicas como se este houvesse escrito originalmente na língua da tradução, terá muitas coisas que nem sequer poderá fazer expressar, pois, não são nativas deste povo e, por isso, tampouco têm na língua algum signo. O tradutor deve aqui ou bem cortar inteiramente, e assim destruir a força e a forma do conjunto, ou tem que colocar em seu lugar outra coisa. Desse modo, portanto, nesse domínio, seguir completamente esta fórmula conduz evidentemente à simples imitação, ou a uma mescla ainda mais chocante e confusa de tradução e imitação, que torna o leitor como que uma bola rebatendo-se entre o seu mundo e o estranho, entre a invenção e graça do autor e as do tradutor, com o que aquele não pode experimentar nenhum prazer genuíno e termina, sem remédio, com tontura e cansaço redobrados. O tradutor que segue o outro método, ao contrário, não é tentado por esses deslocamentos arbitrários, porque seu leitor deve ter sempre presente que o autor viveu em outro mundo e escreveu em outra língua. Ele apenas tem de atender à arte, sem dúvida difícil, de suprir o conhecimento deste mundo estranho de maneira mais rápida e conveniente, e deixar que em toda parte transpareça a grande leveza e naturalidade do original. Estes dois exemplos, tomados dos mais opostos extremos da ciência e da arte, mostram bem quão difícil é conseguir o autêntico fim de toda tradução, a saber, o gozo autêntico das obras estrangeiras, com um método que a todo custo quer insuflar na obra traduzida o espírito de uma língua que lhe é estranha. Acrescenta-se a isto ainda que toda língua tem sua singularidade nos ritmos da prosa tanto quanto nos da poesia e que, se há de fingir-se que o autor podia ter escrito na língua do tradutor, terá que se o apresentar como seguindo também os ritmos desta língua, com o que sua obra se desfigura ainda mais e limita-se mais ainda o conhecimento de sua singularidade proporcionado pela tradução.

De fato, esta ficção, unicamente sobre a qual se funda a teoria da tradução ora em consideração, influi mais ainda na finalidade dessa atividade. A tradução desde o primeiro ponto de vista é algo necessário para um povo do qual apenas uma pequena parte pode adquirir conhecimento suficiente de outras línguas, mas uma parte maior tem a sensibilidade para o prazer de obras estrangeiras. Se esta parte pudesse se transformar na primeira, aquela tradução resultaria inútil e dificilmente alguém tomaria para si tarefa tão ingrata. Não acontece o mesmo com o último tipo. Este não tem nada a ver com a necessidade, antes é mais bem o fruto da cobiça e da arrogância. As línguas estrangeiras podem estar já completamente difundidas e o acesso às suas obras mais sublimes aberto a todo aquele que fosse capaz de gozá-las; seguiria sendo possível uma curiosa tarefa que reuniria um auditório tanto mais numeroso e desejoso, se alguém prometesse apresentar uma obra de Cícero ou de Platão tal qual estes autores teriam escritos agora diretamente em alemão. E se alguém chegasse ao ponto de fazer isto não apenas na própria língua, mas também em língua estrangeira, ele seria evidentemente o mestre supremo na difícil e quase impossível arte de resolver os espíritos das línguas um no outro. Porém, logo se vê que, a rigor, isto não seria traduzir e sua finalidade não seria tampouco o gozo mais autêntico possível das obras mesmas; antes, se converteria cada vez mais em uma imitação e apenas poderia gozar bem tal obra de arte ou habilidade quem já, sem isto, conhecesse a tais escritores diretamente. E o fim verdadeiro apenas poderia ser, em particular, por de manifesto como certas expressões e combinações de diferentes línguas estão em igual relação com um caráter determinado e, no conjunto, ilustrar a língua com o espírito peculiar de um mestre estrangeiro, mas depois de separá-lo e desligá-lo por completo de sua língua. Agora, como aquele não é mais que um hábil e artificial jogo, e este descansa em uma ficção quase impossível, se compreende que esta maneira de traduzir apenas se pratique em tentativas muito raras que, além do mais, mostram com suficiente claridade que, em geral, não se pode proceder deste modo.

Isto explica também que apenas grandes mestres, a quem lhes é permitido coisas extraordinárias, possam trabalhar com este método; e com razão apenas aqueles que cumpriram já seus verdadeiros deveres para com o mundo e por isso agora podem entregar-se a um jogo incitante e um tanto perigoso. Mas, também se compreende tanto mais facilmente que os mestres que se sentem autorizados a tentar algo semelhante olhem com certa piedade a atividade daqueles outros tradutores. Pois, eles pensam que ser os únicos que verdadeiramente praticam a arte bela e livre, enquanto que aqueles lhes parecem estar muito mais próximo do intérprete, pois também servem à necessidade, ainda que esta seja um pouco mais elevada. E os julgam dignos de pena porque gastam muito mais arte e esforço do que seria razoável para um ofício subalterno e ingrato. Por isso, também estão sempre dispostos a aconselhar que, em vez de fazer semelhantes traduções, seria melhor ajudar-se no possível com paráfrases, como costumam os intérpretes em casos difíceis e discutíveis.

Como, então? Devemos compartilhar esta opinião e seguir este conselho? Os antigos, evidentemente, traduziram pouco naquele sentido estrito, e também a maioria dos povos modernos, intimidados pelas dificuldades da verdadeira tradução, contentam-se em geral com a imitação e a paráfrase. Quem pretenderá afirmar que alguma vez se traduziu algo para o francês seja das línguas antigas seja das germânicas? Mas, nós alemães, por mais atenção que se dê a este conselho, não o seguiríamos. Uma necessidade interna, na qual se expressa claramente uma vocação peculiar de nosso povo, nos impulsionou em massa para a tradução; não podemos retroceder e temos que seguir adiante. Do mesmo modo que, por acaso tivesse sido preciso trazer e cultivar aqui muitas plantas estrangeiras para que nosso solo se fizesse mais rico e fecundo, e nosso clima mais agradável e suave, assim também sentimos que nossa língua, porque nós mesmos, em razão do pesadume nórdico, a movimentamos pouco, apenas pode florescer e desenvolver-se plenamente sua própria força por meio dos mais variados contatos com o estrangeiro. E com isto vem coincidir, sem dúvida, o fato de que

nosso povo, por sua atenção ao estrangeiro e por sua natureza mediadora, parece estar destinado a reunir em sua língua, junto com os próprios, todos os tesouros da ciência e da arte alheios, como em um grande conjunto histórico que se guarda no centro e coração da Europa para que, com a ajuda de nossa língua, qualquer um possa gozar, com a pureza e perfeição possível a um estranho, a beleza produzida pelos tempos mais diversos. Esta parece ser, com efeito, a verdadeira finalidade histórica da tradução em grande escala, tal como se pratica entre nós. Mas, neste tipo de tradução apenas pode aplicar-se o método considerado no início. E a arte tem que aprender, no possível, a vencer suas dificuldades, que não dissimulamos. Um bom começo foi feito, mas ainda falta o mais importante. Também aqui tem que precederem muitos ensaios e exercícios antes de se alcançarem algumas obras primorosas; e há coisas que brilham no começo, mas logo outras melhores as superam. Pode-se ver em muitos exemplos em quão grande medida artistas individuais venceram já em parte as dificuldades e em parte as evitaram de maneira feliz.

E, ainda que também conhecedores medíocres trabalhem nesse campo, não devemos temer de seus esforços danos terríveis para nossa língua. Pois, em primeiro lugar, deve-se ter presente que em uma língua em que se pratica a tradução com tal extensão há também um domínio lingüístico próprio das traduções e nele muito se dever permitir que não deve aparecer em outros domínios. Quem, apesar de tudo, propague indevidamente tais inovações, encontrará poucos seguidores ou nenhum e, se não queremos fechar a conta em um espaço de tempo demasiado breve, podemos confiar no processo assimilador da língua que acabará eliminando tudo o que havia sido aceito apenas por necessidade momentânea e que não responde propriamente a sua natureza. Por outro lado, não devemos esquecer que há na língua muita beleza e muita força que somente graças à tradução se desenvolveram ou foram resgatadas do esquecimento.

Nós discursamos muito pouco e proporcionalmente falamos demais; e não se pode negar que, desde há muito tempo, também a maneira de escrever avançou nesta direção mais do que o devido e

que a tradução contribuiu não pouco para restabelecer um estilo mais severo. Quando chegar um dia em que tenhamos uma vida pública que, por uma parte, tenha que desenvolver uma sociabilidade mais rica de conteúdo e mais atenta à linguagem e, por outra, proporcione espaços mais livres para o talento do orador, então, talvez necessitaremos menos da tradução para o aperfeiçoamento da língua. Que esse dia chegue apenas quando tenhamos percorrido dignamente o inteiro ciclo de esforços do tradutor!

*   *   *